

Modernidade ou imoralidade?

22 OUT 1992

AUGUSTO MARZAGÃO *

Caiu o Muro da Vergonha de Berlim, todos sabemos. Mas no Brasil continua de pé um dos mais vergonhosos muros: o da miséria, da fome, do desemprego, da recessão. O governo Itamar Franco está diante de um dos piores desafios. O que se esperava do governo eleito pelas urnas em 89 e empurrado em 90 não aconteceu. Pelô contrário, o quadro se tornou grave.

Caimos hoje não somente nos índices do desempenho econômico, mas também, no de desemprego para um nível recorde. É o perigoso pátamar da panela de pressão que pressionou ainda mais nas milhares (*milhares, mesmo!*) de falências de médias, pequenas e microempresas. Só no mês de maio, mais de 50% acima de maio de 91.

Grande parte disso parece ter causa no neoliberalismo que se aplicou nesses dois anos. E não é somente o Brasil que sofre as suas consequências. A França conta hoje com um preocupante número de desempregados, os Estados Unidos se vêem às voltas com o mesmo problema, Bush que o diga nessa campanha presidencial. Assim também os países da Europa Ocidental, sem falar nos milhões do ex-imperio soviético da Europa Oriental.

Hoje alguns critérios do neoliberalismo estão sendo seriamente questionados em muitos países. Uma reavaliação está sendo processada em torno de seus postulados e das gravíssimas repercussões sociais que vem provocando.

Será conveniente que se pare um pouco a campanha de que o presidente Itamar Franco é um nacionalista ferrenho, xenófobo, retrôgrado, sem sintonia com a tal "modernidade" que eles tanto apregoam e que foi surrassissima palavra no discurso de um governo impedido há algumas semanas pela Câmara dos Deputados.

Os tempos são de arejamento. São de malhação do estado no que de mais gorduroso e pesado em sua estrutura existe. Há que emagrecer, enxugar a enxúndia da máquina. Porém não nesse *tour de force* de camiseta, de triste memória.

Os países do ocidente europeu não abrem mão de algumas de suas empresas a troco de recessão e desemprego. A Itália, por exemplo, não negocia sua economia informal para abrir a porta da "modernidade" da Comunidade só porque o neoliberalismo é sensível em alguns aspectos acha que econômica informal não é "moderno". A Itália simplesmente sabe do custo social que terá se

levar sua informalidade econômica ao extremo.

No Brasil, não se teve nenhum escrúpulo em aprofundar a recessão, desflagrar o desemprego (que alcança índices assustadores em todos os estados), e manter uma inflação dignificada de 20% a 25%, em nome de um liberalismo equivoco.

No Brasil, os dois anos e meio de "modernidade" deram no que deram porque a inconsciência dos atos de governo é que orientava as grandes decisões. Inconsciência essa, porém, bem consciente dos interesses do esquema paralelo de corrupção a que servia e que se antepunha aos verdadeiros interesses nacionais.

O Brasil empobreceu muito. Nesses últimos três anos não houve recuperação em relação a 1989. Os índices alcançados no período de 1986 a 1989 desabaram no governo Collor, confirmado tudo que se dizia da sua primeira equipe, de jovens desconhecidos, mas que gozaram da confiança dos centros financeiros.

O PIB desabou de 3,2% positivos, em 1989, para o fundo do poço de 4,60% negativos no primeiro ano da jovem equipe da economia e só conseguiu ficar, em 91, nos 1,21%, o que configura uma das mais graves quedas da história econômica do Brasil.

Todas as áreas da economia nacional vivem de índices positivos e significativos ao cair nas garras e na unha do governo Collor. Porém, caíram em dois anos, embora passando por algumas recuperações fisiológicas, que evidentemente se devem ao fato de que a sociedade — as forças produtivas — reage por si mesma, num instinto de conservação e sobrevivência que a obriga a buscar saídas para as crises. Mas isso não é solução perene. É a autodefesa do organismo contra os micrōbios da infecção.

Quanto aos últimos sete meses, ouvem-se rumores de que o quadro só surpreenderá se não for assustador. Porque a coisa, pelos cenários levantados, dá susto.

Tem aí, portanto, o presidente Itamar Franco e seus principais auxiliares o grande desafio: fazer crescer o país, fazer cair o desemprego, melhorar as condições de vida da população mais humilde, ainda que à custa de uma inflaçāozinha...

Afinal o que nós vimos foi a modernidade dos porões do PC e a imoralidade do crescimento da miséria e da fome. Coitados dos descamisados e pes-descalços!!!

JORNAL DO BRASIL